

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

**CONSTRUÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DESENVOLVIDAS NA DISCIPLINA
ESTUDOS SOCIAIS NAS ESCOLAS DE 1º GRAU (HISTÓRIA) – 2009.1.**

Priscila Bezerra de Moura ¹

Graduanda - UFCG

prisbmoura@yahoo.com.br

Dra. Keila Queiroz e Silva ²

Orientadora - UFCG

keilaqs@hotmail.com

Sabendo que a história não é única, e sim múltipla, um emaranhado de acontecimentos desenvolvidos por sujeitos com suas individualidades e que fazem parte de uma coletividade. Propomos na disciplina “Estudos Sociais nas Escolas de 1º Grau/História” do período 2009.1 do curso de Pedagogia, a construção individual dos Álbuns de Família. Com o intuito de despertar nas alunas³ a percepção e conexão entre as identidades individuais e coletivas, estabelecendo uma relação entre a micro-história e a macro-história. A disciplina em questão foi ministrada pela professora Keila Queiroz e Silva e monitorada por mim, Priscila Bezerra de Moura. Tal experiência me proporcionou uma vivência mais ativa em sala de aula, compreendendo de perto o dinamismo da mesma.

Percebemos no desenvolver da atividade dos Álbuns de Família, resistência por parte das alunas, que alegavam que não tinham fotos suficientes para construir os álbuns, que seus parentes moravam distantes, ou mesmo, que não tinham contato com suas famílias. No entanto, tal resistência pode ser interpretada como uma descrença de que a sua história possa contribuir academicamente para a construção da história local contemporânea, ou mesmo, pode refletir a dificuldade que muitas tiveram em narrar suas histórias, construindo e apresentando os álbuns apenas com fotografias, como se estas contassem a história sem a necessidade de narrativas.

¹ Aluna de graduação do curso de História/Licenciatura da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

² Professora adjunta I da Universidade Federal de Campina Grande, professora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFCG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFCG). É pesquisadora e vice-coordenadora do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade (PIATI/UFCG).

³ Usamos o termo alunas, porque na disciplina pesquisada só havia pessoas do sexo feminino.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Mesmo desacreditando na atividade e resistindo inicialmente, com o desenvolver dos álbuns houve um significativo envolvimento das alunas que ao remexerem suas lembranças familiares sorriram, choraram e descobriram novas informações que jamais imaginariam. Depararam-se também com entusiasmos e silêncios por parte dos seus interlocutores, que muitas vezes resistiram em compartilhar suas memórias com netas e filhas que desenvolviam trabalhos para a universidade. O nome da instituição por vezes influenciou nas falas elaboradas pelos familiares de nossas alunas. Porém, os depoimentos adquiridos e a articulação desenvolvida pelas alunas da disciplina, foram de grande valia, pois articularam tais depoimentos a suas histórias autobiográficas.

A seletividade na autobiografia é bastante presente, pois ao construírem suas histórias com base em suas lembranças, rememoradas por fotos e intensificadas pelos depoimentos orais. As alunas escolheram quais acontecimentos priorizariam falar e quais desejariam esquecer, escolheram de quais familiares traçariam suas memórias e quais deixariam até mesmo de pesquisar. A seleção está presente em toda pesquisa historiográfica, por exemplo, os historiadores que trabalham em arquivos, selecionam quais caixas desejam pesquisar e quais não desejam nem abrir. Os que lidam com fotografia, mesmo que pesquisem o acervo de um fotógrafo específico, selecionam as fotos por temáticas dependendo do problema de suas pesquisas. No caso das pesquisas autobiográficas, onde o indivíduo está intimamente inserido na pesquisa, onde ele é sujeito da sua própria pesquisa, este seleciona as lembranças que deseja ou não registrar, considerando-se que sua vida está interligada a muitas vidas, muitos espaços e muitas lembranças. É o que Bosi denomina como liberdade da memória que escolhe no espaço e no tempo, como se verificasse em índices, o que deseja destacar: “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relaciona através de índices comuns” (BOSI, 2003, p.31).

Trabalhar com memórias individuais possibilita a constante relação entre o presente e o passado, e as concepções do passado interferem nas representações dos sujeitos no presente. As lembranças interferem nas nossas percepções atuais, sendo a memória o lado subjetivo que temos das coisas. Não existe percepção do presente sem marcas da memória. A memória está ao mesmo tempo ligada ao pensamento e a ação, levando os sujeitos a reproduzirem atitudes no presente que já deram certo no passado, ou seja, pela memória trazemos à tona e reelaboramos nossas experiências adquiridas. Os seres humanos tanto se remetem a esquemas de comportamentos que adquiriram em vivências coletivas, como adquire lembranças independentes, isoladas de qualquer

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

hábito, sendo ambas autênticas para a reconstrução do passado. A riqueza da experiência dos Álbuns de Família está em despertar nos alunos tanto a narrativa de suas experiências individuais, quanto de suas experiências coletivas. A escrita autobiográfica está o tempo todo em movimento, pois o indivíduo não é unicamente só, nem unicamente coletivo. Movimento que percebemos nos Álbuns de Família, onde a escrita de si está cheia de relação com outras vivências.

Os Álbuns de Família desenvolvidos durante a disciplina foram elaborados em formato de PowerPoint, dos quatro álbuns que consegui recuperar após o término da mesma, escolhi dois para a elaboração desse trabalho. No entanto, recordamos das apresentações dos álbuns, alguns assuntos que foram bastante enfatizados. Observamos nas alunas uma constante preocupação em firmar como se desenvolveram os relacionamentos, como se deram os encontros e casamentos dos seus avós e pais. Quais tios e irmãos são casados e quais deles têm filhos. Dando a impressão de que, para se falar em família faz-se necessário especificar como foram formados os laços matrimoniais dos casais que originaram tais famílias, sendo este o caminho “normal”. Mesmo sabendo que nem sempre as famílias são formadas por pai, mãe e filhos, havendo uma diversidade na formação familiar.

Percebemos nas narrativas das alunas o desejo e o sonho do mito do amor romântico para as suas vidas, desejando ter pertencido e construído uma família nuclear, pensando o casamento como uma aliança infinita. Sonhos estes que se contrasta com as ações executadas pelas “ovelhas negras” da família que quebram as regras de boa conduta familiar, são os casos de mulheres que abandonaram seus lares, que traíram seus esposos ou mesmo que fugiram de casa para casar, relato bastante presente nos relatos das bisavós. Não menos frequente foi às narrativas sobre alcoolismo, prisão de alguns parentes, mortalidade infantil, principalmente nas narrativas dos bisavôs e avôs.

Mesmo tendo a consciência de que a família burguesa cristã que idealiza a perfeição familiar, composta por Pai, Mãe e Filhos, não seja uma regra, e que a felicidade não pode ser mensurada pela formação familiar, pois, a família ideal é um mito constituído historicamente, observamos tristeza na fala de alunas que não tiveram a presença do pai em suas vidas, elas desejam o que é constituído socialmente como sendo uma família “perfeita”, pois a “imperfeição” e a diferença incomodam e deixam

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

marcas e mágoas. Como percebemos na fala de Maria⁴ que coloca a família da sua mãe em duelo com a família do seu pai e acrescenta dizendo: “Infelizmente, o contato que tenho com esses familiares é o mínimo por diversos fatores”. Mas, destaca uma foto no seu aniversário que mostra um dos momentos que passou com o seu pai e classifica como sendo um dos mais felizes da sua vida. Já Ana segue sua narrativa apresentando as famílias, quem casou com quem, dando maior destaque aos seus avôs e pais e conclui apresentando o seu noivo, como um caminho possível para a continuação das famílias.

Bosi argumenta que parece haver sempre uma narrativa coletiva privilegiada no interior de um mito ou uma ideologia, das quais nem mesmo nos damos conta que estamos repassando e revisitando em nossas falas (BOSI, 2003, p.17). Tais ideologias podem ser encontradas na memória coletiva, pois foram constituídas por poderes e perpassados ao longo dos séculos aparentando até mesmo, serem naturais ao homem. É o que ocorre com o modelo de família perfeita, associada à moral burguesa e cristã, que já está tão impregnada na mentalidade das pessoas que parece que são constituições biológicas inerentes ao homem desde o seu nascimento, que para serem felizes precisam estar inseridos em uma família ideal. As histórias recentes nos possibilitam testemunhos como estes, vivos, que podemos observar ainda em nossa época e a microssociologia busca captar o poder dessas relações e as redes de influências que se desenvolvem na atmosfera do grupo.

Percebemos que, além dos laços matrimoniais dos familiares, os Álbuns de Família apresentam grandes acontecimentos do autor, os quais lhe trouxeram muita felicidade, como fotografias de aniversários, datas comemorativas como o natal, páscoa, dia do índio. Além de eventos religiosos, no álbum de Maria ela apresenta fotografias de sua Primeira Comunhão, Crisma, Encontros de Jovens com Cristo (EJC), o que mostra forte presença da Igreja Católica em sua vida.

O sofrimento, por sua vez, é abafado, mas surge quando se precisa falar das mortes dos familiares que são amenizadas com as boas lembranças como percebemos no álbum de Ana que fala com muita emoção da sua avó que morreu em janeiro de 2008, levando em consideração que os álbuns foram apresentados em junho de 2009, sua avó teria morrido há um ano e poucos meses, estando muito viva as lembranças de sua avó em sua memória. É assim que ela se recorda da sua avó:

⁴ A fim de preservar a privacidade das alunas que elaboraram os dois álbuns estudados, vamos nos referir a elas por pseudônimos, Maria e Ana.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Muito religiosa, conselheira, conhecedora de plantas medicinais, ela era uma pessoa que eu sempre tive uma profunda admiração. Sempre foi minha maior confidente a que eu recorria sempre que precisava de conselhos. Gostava muito de ouvir sua história porque sempre me passava uma lição de vida, aprendi muito com ela, a superar as dificuldades e acreditar que apesar de tudo temos que saber viver com sabedoria e paciência.

Já do seu avô ela não tem boas recordações, pois o considera tradicional e moralista, era mais apegada com a sua avó, que agora se contenta e guardar carinhosamente na memória. Mas, reconhece o esforço do seu avô em ter trabalhado desde criança parando apenas quando adoeceu e admira a sua generosidade.

Outra temática comum nos álbuns foi à perspectiva de vida infantil, alta natalidade, acompanhada também de alta mortalidade. Sendo bastante comum a frase “minha avó teve X filhos e se criaram Y”, em relatos que permeiam as décadas de 1950, 60 e 70. Mesmo apresentando importantes considerações sobre suas vidas e famílias, as escritas dos álbuns foram bastante tímidas, creio que pela falta de estímulo na academia de desenvolver trabalhos que envolvam as nossas trajetórias de vidas. As alunas dos álbuns analisados tiveram a positiva preocupação em localizar e temporalizar as suas narrativas. A história de Maria se passa prioritariamente em Campina Grande, enquanto a de Ana no sítio Riacho Fundo no município de Massaranduba, sobretudo quando se refere às histórias dos pais e avós.

As histórias biográficas e autobiográficas aproximam-se dos romances, que pretende atrair o leitor a partir das tramas dos seus personagens, devemos aprender com as leituras literárias como escrever textos leves e atrativos, mesmo que as nossas temáticas sejam polemicas ou tristes. Devemos aperfeiçoar nossas escritas para relatarmos fluentemente as histórias de vida que escolhemos no leque de possibilidades temáticas para relatar. Temos a consciência de que o nosso estilo pessoal se desenvolve em conformidade, ou a partir de um estilo da época, sabendo que escrevemos história sempre a partir do tempo presente, o tempo em que vivemos, por isso, não há história maior ou menor, mais crível, menos crível, sim histórias diversas.

A disputa entre “textos” e “vida”, como explica Rosenthal, existe desde os primórdios das pesquisas biográficas, resultante de uma noção de que a realidade social seria independente da experiência e da estruturação simbólica, buscando uma realidade “por trás” do texto, como se essa existisse em sua essência. “Deixamos de aproveitar o texto ou a história de vida como realidade em si mesma, quando essa é a única coisa em

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

que deveríamos estar interessados com cientistas sociais” (ROSENTHAL, 1998, 1994)
⁵. Para ela comportamo-nos como crianças procurando encontrar a “pessoa real” atrás do espelho, ou seja, a “realidade social” por trás do texto – “Só chega a ser interessante quando aprendemos que a realidade que procuramos lá está aqui. O mesmo vale para a nossa realidade social” (ROSENTHAL, 1998, 195).

Para Bourdieu, a vida é uma história, e argumenta que isso não é pouco e que não pode ser desconsiderada, pois, a vida conecta a um conjunto de acontecimentos, concebendo relatos de uma história ligada a outras histórias, pois para ele: “(...) a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “interação” subjetiva e objetiva, de um projeto”⁶.

Com resultados positivos da atividade de construção dos Álbuns de Família, propomos que atividades como estas sejam desenvolvidas no âmbito da história, para que sejam apresentadas aos alunos as histórias biográficas e autobiográficas, desenvolvendo a consciência de que os relatos de vida são importantes para a compreensão da história trazendo riquezas incomparáveis no âmbito da memória individual que não podem ser encontradas no coletivo, como também, ligações com ações coletivas, assim a história autobiográfica representa um conjunto de experiências que podem exemplificar o que consiste a história, uma plêiade de relações sociais.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). *Usos e Abusos da História Oral*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro – RJ, 1998.

BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Ateliê Editorial. São Paulo – SP, 2003.

⁵ ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. In: *Usos e Abusos da História Oral*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998. P. 194.

⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Usos e Abusos da História Oral*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998. P. 184.